

O PAPEL DO DESENHO NO LIVRO DIDÁTICO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Miriam Cristina da Silva¹

Dra. Leila Pessôa Da Costa²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar como o desenho é proposto no livro didático da língua portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Sabe-se que o desenho é um recurso muito utilizado na educação infantil, mas que perde seu espaço como atividade didática no ensino fundamental, ainda que a prática de desenhar favoreça o processo de apropriação da linguagem escrita e a construção do conhecimento. A metodologia adotada foi a análise quantitativa e qualitativa das atividades propostas em uma coleção de livros didáticos de língua portuguesa, da editora moderna, intitulada “Projeto Buriti” dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Considerou-se que na perspectiva histórico cultural o desenho estimula a memória e a imaginação e que é também no momento do desenho que a criança associa e cria algo considerando sua história e seu contexto de vida. Observamos que o desenvolvimento gráfico não ocorre de forma automática, ao contrário, precisa ser explorado e estimulado, o que implica em planejar, organizar, orientar e acompanhar as atividades de desenho, possibilitando ainda a troca entre colegas e professores, sendo estes mediadores desse processo. Da análise empreendida, constatamos que são poucas as atividades de desenho propostas pela coleção analisada e, em geral, não consideram nesses anos de ensino a importância dessa atividade no desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Processo de Ensino e Aprendizagem. Desenho. Livro Didático.

Abstract

This article aims to analyze how the drawing technique is suggested on didactic books used on the initial years of elementary school. It is known that the drawing technique is a widely used resource in children's education; however, in elementary school it loses its meaning as a didactic activity, although the practice of drawing helps the appropriation's process of written language and knowledge construction. The methodology adopted consisted of a quantitative and qualitative analysis of some activities extracted from a collection of didactic books, used on the initial years of elementary school. In a historical and cultural perspective, the drawing technique acts as a stimulator of memory and imagination; besides that, while drawing the child associates her life context and history with her creations. It has been observed that the graphic development does not occur automatically, instead, it needs to be explored and stimulated, which implies in planning, organizing, guiding, and following the drawing activities. The teacher, as a mediator of this learning process, should allow the children to

¹ Aluna do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá. dasilvamiriamcristina@gmail.com

² Professora Adjunta do Departamento de Teoria e Prática da Educação. dacosta.leila@gmail.com

share their works with their classmates. From this analysis, it has been verified that there are just a few drawing activities suggested by the analyzed collection, and, in general, they do not consider, in these stages of learning, the importance of this kind of activity in human development.

Key word: Elementary School. Learning and Teaching Process. Drawing. Didactic Book.

Introdução

Este é um trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá, que tem como objetivo analisar como o desenho é proposto em uma coleção de livros didáticos do Projeto Buriti, de língua portuguesa, da editora moderna, elaborada para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Tem como norte a importância do desenho no desenvolvimento da criança e para a apropriação da linguagem escrita.

A base teórica que subsidiou a análise realizada é resultado de um PIC³ desenvolvido durante o curso de Pedagogia pela primeira autora deste artigo, no qual foi analisado o papel do desenho no processo da apropriação da linguagem escrita.

Nesta pesquisa foi possível perceber que o desenho é essencial no processo de ensino aprendizagem, pois contribui para o desenvolvimento do aluno, uma vez que a capacidade de criar não está ligada apenas ao prazer: pode ser ela utilizada como um potencializador da capacidade criativa do indivíduo. Consideramos então que o desenho contribui não somente para o desenvolvimento da coordenação motora fina – necessária à aprendizagem da linguagem escrita –, mas também para a expressão individual de cada pessoa.

Nos interessamos, neste artigo, aprofundar os estudos realizados, analisando qual é o papel do desenho em uma coleção de livros didáticos indicados para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, apresentamos algumas considerações acerca do papel do desenho no desenvolvimento da criança a partir dos estudos de Luquet (1969), Lowenfeld (1954), Cox (2007), Vigotski (1988) e Luria (1988).

Procede-se a análise dos livros didáticos inicialmente quantificando as atividades de desenho propostas e que posteriormente foram qualificadas em dois eixos: **desenho livre** e **desenho orientado**. Em seguida foram tecidas algumas considerações sobre como tem sido enfocada as atividades de desenho nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

³ Projeto de Iniciação Científica intitulado “O papel do Desenho no Processo de Construção do Conhecimento e de Apropriação da Escrita”, orientado pela Prof^a Dr^a Sheila Maria Rosin.

O papel do desenho no desenvolvimento da criança

O desenho foi utilizado pelo ser humano desde os primórdios e, pelos registros observados nas cavernas, tinha como objetivo narrar os acontecimentos referentes ao autor do registro e ao seu grupo. Nesse sentido, o desenho foi utilizado como um recurso de representação e um instrumento de materialização do pensamento, mesmo antes da construção da linguagem escrita.

Os desenhos, durante o período em que eram feitos nas paredes das cavernas, substituíam a linguagem oral que ainda não havia sido desenvolvida pelo ser humano. Ao longo do tempo novas formas de expressão foram criadas, contudo o desenho não perdeu sua funcionalidade, uma vez que continua presente até hoje em nosso cotidiano. Custódio (2011, p. 19)

O desenho é uma das atividades que as crianças desenvolvem na infância e é nesse período, segundo Lowenfeld (1954), que a criança inicia o seu processo de criação, que pode auxiliar no desenvolvimento da criatividade, da autonomia e da imaginação, pois o desenho é uma atividade lúdica, e possibilita que a criança expresse com liberdade, por meio dos traços e das cores.

Luquet (1969) afirma que o desenho é um jogo que não necessita de companheiro para brincar, no qual o indivíduo pode se dedicar a ele sempre que quiser, registrando assim sua percepção do mundo. Nessa atividade, de criar e se expressar, a criança se torna mais confiante ao falar.

Lowenfeld (1954, p. 17) afirma que a experiência artística, iniciada logo nos primeiros anos de vida da criança, é essencial para o desenvolvimento de faculdades como: “[...] o senso de independência, liberdade e democracia, o impulso criador, a maturidade emocional e intelectual, a personalidade nos múltiplos aspectos”. Enquanto atividade artística, o desenho não é uma expressão objetiva, mas pode se tornar o meio pelo qual a criança consiga se expressar individualmente.

O meio social no qual vive a criança pode interferir na relação dela com sua expressão artística, já que, por meio dela, é possível expressar tanto as coisas que são agradáveis ao indivíduo, quanto as que não o agradam. Essa relação pode proporcionar ao ser humano uma adaptação mais fácil ao meio em que vive, aprendendo também a colocar-se no lugar do outro, tornando-se um cidadão mais feliz, cooperativo e saudável psicologicamente.

Lowenfeld (1954) ressalta ainda que as atividades criadoras, iniciadas logo nos primeiros anos de vida, podem favorecer o aprendizado da criança e a sua relação com os materiais típicos da criança artista. Além disso, o autor salienta que:

a capacidade de pensar independentemente e inventiva, favorecida pelas manifestações artísticas, não se limita a própria arte. Trata-se de uma faculdade que o homem utiliza, quando tem oportunidade de lutar por objetivos melhores e mais altos (LOWENFELD, 1954, p. 17).

Outro benefício proporcionado por atividades artísticas desde a infância é o desenvolvimento da coordenação motora, que pode ser percebido em atividades diárias, por exemplo, levar o talher à boca sem derrubar o alimento. À medida que a criança passa a controlar os seus movimentos, começa a dar nomes as suas garatujas, conseqüentemente criando histórias sobre elas, ou seja, sua imaginação também é estimulada, conforme Cox (2007) evidencia que o desenho, além de colaborar para que a criança perceba como uma figura é convencionalmente desenhada, principalmente a figura humana, desenvolve na criança a capacidade de se lembrar da localização dos membros do corpo humano.

Para que essas noções sejam adquiridas é importante que um adulto estimule a criança a criar e a perceber o mundo à sua volta. Por exemplo, uma criança ao desenhar pode ser questionada se a menina representada ao lado de uma casa conseguirá entrar nessa casa, possibilitando a ela adquirir noções de proporcionalidade, cor, espacialidade e conseqüentemente auxiliar a organização do pensamento.

Para Vigotski (1988) a criança se expressa verbalmente e graficamente por meio de gestos. O gesto é um signo visual considerado base para toda atividade simbólica, e é a partir dele que se desenvolvem a linguagem escrita e o desenho. Os rabiscos das primeiras representações da criança são vistos como gestos, pois não representam nenhum objeto, apresentando apenas a representação gestual da criança. O desenho, nessa perspectiva, surge apenas depois que a criança domina a linguagem falada, de modo que a linguagem gráfica surge da linguagem verbal (VIGOTSKI, 1988, p. 75).

De acordo com Vigotski (1988), a criança só desenha a partir do momento que se apropria da linguagem oral. Para o autor, o desenho pode ser considerado um estágio preliminar no desenvolvimento da linguagem escrita, pois desenhando a criança faz uso de conceitos verbais nomeando suas garatujas.

Sobre a representação simbólica, (Vigotski, 1988, p. 76) diz que ela:

[...] deve ser atribuída à fala e que é utilizando-a como base que todos os outros sistemas de signos são criados. De fato, também no desenvolvimento do desenho nota-se o forte impacto da fala que, pode ser exemplificado pelo deslocamento contínuo do processo de nomeação ou identificação para o início do ato de desenhar.

Ao desenhar, a criança percebe que além de representar objetos ela pode representar a fala. Para Vigotski (1988, p. 77) “[...] o desenvolvimento da linguagem escrita nas crianças se dá, conforme já foi escrito, pelo deslocamento do desenho de coisas para o desenho das palavras.” e, nesse sentido, pode ser considerado estágio preliminar da linguagem escrita.

Luria (1988), ao investigar sobre os mecanismos de apropriação da escrita, afirma que ela tem duas funções: mnemônica e de comunicação, além de considerar seu papel sociocultural. Suas investigações mostram que mesmo para crianças não alfabetizadas o desenho atua em benefício da memória, ou da materialização do pensamento, favorecendo o arquivamento de conhecimentos e vivências.

O desenho estimula a memória e a imaginação. Para Vigotski (2001) a imaginação é feita de memórias, de tal modo que, no momento do desenho, a criança associa e cria partindo de sua história e do contexto no qual se insere. Nesta etapa, a da produção gráfica, o adulto desempenha um importante papel ao aluno enquanto mediador desse processo.

Desta forma, observa-se que o desenvolvimento gráfico não ocorre de forma automática, ao contrário, precisa ser explorado e estimulado, o que implica em planejamento, organização, orientação e acompanhamento das atividades de desenho, possibilitando ainda a troca entre os colegas e professores.

Ao assegurar ao estudante um tempo maior para o convívio escolar, faz-se necessário que o professor passe a utilizar diferentes linguagens em suas aulas, pois isso possibilitará ao educando compreender que essas linguagens podem ser associadas com diferentes formas de representação, tais como: gestual, corporal, plástica, oral, escrita, entre outras.

É importante observar que o ingresso nesse novo nível de ensino, o ensino fundamental não deve romper com o processo de ensino anterior vivido na educação infantil ou em casa, ao contrário, deve ser um ponto de partida para a aquisição de novos conhecimentos. Nesse sentido, o desenho pode ser um desses instrumentos, que além de proporcionar prazer à criança é um importante aliado no processo de apropriação da linguagem escrita e de construção do conhecimento.

Os gestos inicialmente dão sentido ao desenho, como nas garatujas, mas é posteriormente, ao longo do seu desenvolvimento, que a criança passa a nomear o desenho e

depois passa a informar o que deseja desenhar e, sendo uma linguagem gráfica, antecede a escrita.

Se o conhecimento da escrita aparece muito antes da criança ingressar na escola, o mesmo ocorre com o desenho. Assim como no processo de escrita, o desenho tem uma importância não só enquanto produto, mas como processo constituído de uma riqueza a ser explorada e intermediada enquanto função simbólica, sendo, de acordo com Vigotski (1988), um simbolismo de segunda ordem, tal como a escrita.

Considerando a importância do desenho no processo de aquisição da linguagem escrita, este trabalho se propôs a investigar se essa forma de representação tão presente na infância está também contemplada no livro didático dos anos iniciais do Ensino Fundamental, visto ser esse um material de apoio utilizado com frequência pelos professores e alunos no processo de escolarização, e de que forma ela é explorada.

Do livro didático

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), criado em 2012, tem como intuito garantir que todas as crianças com até oito anos de idade sejam alfabetizadas plenamente ao final do 3º ano do ensino fundamental.

A alfabetização, nessa perspectiva, implica à criança a compreensão do funcionamento da nossa língua, a fluência da leitura e o domínio de estratégias para a produção de textos escritos. O PNAIC possui quatro princípios norteadores que devem ser considerados ao longo do desenvolvimento do trabalho pedagógico, são eles:

1. O Sistema de Escrita Alfabética é complexo e exige um ensino sistemático e problematizador;
2. O desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos ocorre durante todo o processo de escolarização, mas deve ser iniciado logo no início da Educação Básica, garantindo acesso precoce a gêneros discursivos de circulação social e a situações de interação em que as crianças se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias;
3. Conhecimentos oriundos das diferentes áreas podem e devem ser apropriados pelas crianças, de modo que elas possam ouvir, falar, ler, escrever sobre temas diversos e agir na sociedade;
4. A ludicidade e o cuidado com as crianças são condições básicas nos processos de ensino e de aprendizagem (BRASIL, 2015c).

Ao propor que o processo de desenvolvimento das capacidades necessárias para a leitura e a escrita seja abordado desde o início da Educação Básica e que a ludicidade é uma

condição necessária para o processo de ensino e de aprendizagem, o desenho e as atividades que o tenham como estratégia são importantes e significativos para o aluno e para o professor.

Um conjunto de materiais didáticos específicos para a alfabetização, entregues pelo Plano Nacional do Livro Didático, faz parte das ações desenvolvidas pelo PNAIC. Entre uma das coleções de livros didáticos que fazem parte do projeto está a do Projeto Buriti, da Editora Moderna (2015), por nós escolhida para este trabalho, além de ser este o material selecionado para o próximo ano letivo por uma escola da Rede de Ensino de um Município situado na região noroeste do Estado do Paraná.

Nesse material, os livros estão separados por disciplinas (ciências, matemática, história, geografia e português), mas optamos por empreender a análise apenas no material de Língua Portuguesa, considerando ser essa a disciplina que tem como foco a alfabetização.

Outro motivo para a escolha desse material é observarmos que a proposta nos livros didáticos de artes para os anos iniciais, no qual o desenho poderia também ser explorado de forma mais efetiva, é baseado na construção de conceitos de arte, de apreciação artística, no conhecimento das linguagens artísticas, entre outras, e não especificamente o desenho como instrumento para a aquisição da linguagem.

São cinco os livros de Língua Portuguesa da Coleção Buriti, um para cada ano de ensino; todos eles têm como proposta desenvolver nos alunos a alfabetização pela consciência fonológica, por meio de produção de texto oral e escrito, atividades de gramática e do trabalho com a ortografia de forma lúdica, além de trazer jogos que promovam a socialização entre os alunos.

No livro do 1º ano do Ensino Fundamental, as tipologias textuais são apresentadas à criança como recurso de letramento, além do uso da letra bastão maiúscula nesse nível de ensino, a fim de facilitar o entendimento do aluno acerca da linguagem escrita. Já no 2º e 3º anos, a letra bastão minúscula é introduzida, respeitando a faixa etária do educando. O livro foi elaborado a partir de diferentes gêneros textuais e também faz uso dos princípios gramaticais da nossa língua. Nos 4º e 5º anos, a coleção prioriza a compreensão de textos, por isso apresenta textos de esferas diferentes, nos quais se trabalham tanto sua estrutura, quanto à construção de sentido no mesmo (MODERNA, 2015a).

Da análise do livro didático

Iniciamos nossa análise pela quantificação de atividades propostas em cada um dos livros da coleção e obtivemos o seguinte resultado:

Quadro 1- Quantificação das atividades de desenho nos livros didáticos

Anos de ensino	1º	2º	3º	4º	5º
Quantidade	10	5	4	0	0

Fonte: autora da pesquisa, 2015.

Observam-se que são propostas apenas dezenove atividades ao longo dos cinco primeiros anos do Ensino Fundamental: aparecem em maior quantidade nos anos iniciais do ensino e vão gradativamente desaparecendo, chegando a zero nos 4º e 5º anos.

Talvez a ocorrência de um maior número de atividades de desenho seja proposta nos três primeiros anos em função da criança ainda não saber escrever, sendo então utilizada como uma nova forma de representação. Considerando que ao final do 3º ano os alunos devem estar alfabetizados, a escrita, enquanto uma nova forma de representação simbólica, torna-se uma substituta da forma anterior, não uma linguagem complementar ao desenvolvimento.

Se considerarmos ainda que um ano escolar possui duzentos dias letivos, podemos inferir, a partir do Quadro 1, que no 1º ano do ensino fundamental a criança executará apenas dez atividades que envolvem o desenho, ou seja, uma atividade por mês; ou ainda, que das atividades propostas ao longo do ano, apenas 5% delas utilizam o desenho como recurso didático.

Posteriormente a essa quantificação, passamos a analisar as atividades de desenho propostas no material analisado. Para essa análise, organizamos as propostas em três categorias: livre, a partir de um referencial e como forma de expressão.

A classificação considerou se o uso do desenho como recurso didático possui intencionalidade ou se está proposto ao aluno para que o mesmo crie e se expresse de forma livre. Selecionamos então duas categorias para essa classificação: o **desenho livre**, no qual o aluno desenha de forma espontânea; e os **desenhos orientados**, em função de uma atividade que está sendo desenvolvida, ou outra intencionalidade. Os dados coletados estão consolidados no Quadro 2:

Quadro 2 – Classificação das atividades de desenho propostas no material analisado

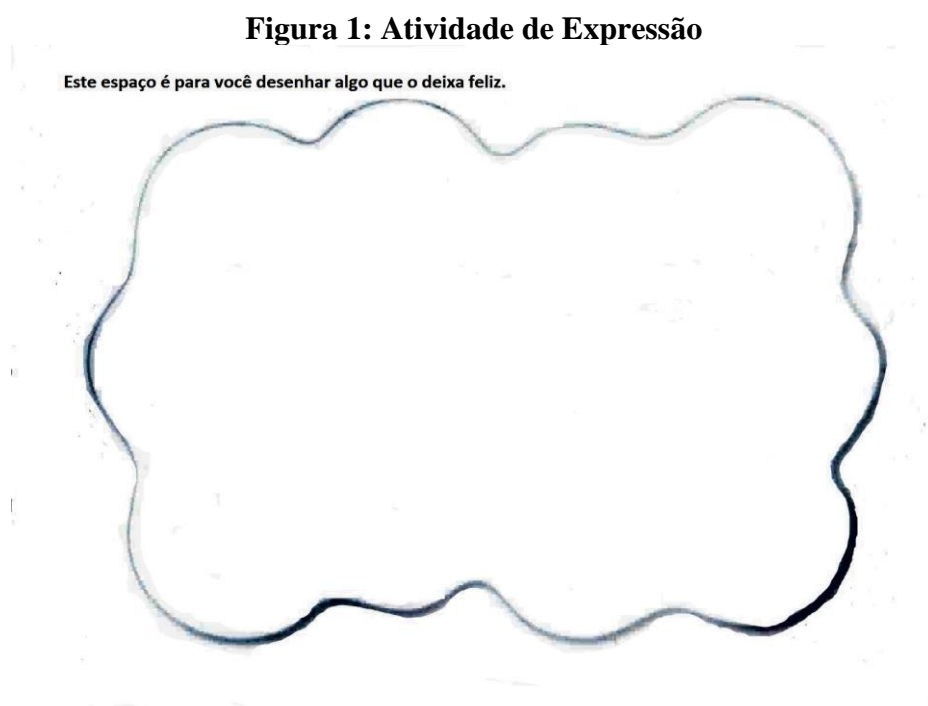
Anos de Ensino	1º	2º	3º	4º	5º
Desenho livre	0	0	0	0	0
Desenhos orientados	10	5	5	0	0

Fonte: autora da pesquisa, 2015.

Podemos observar, a partir dos dados coletados, a ausência de propostas de desenho livre nessa coleção. As atividades de desenho encontradas em maior número são do tipo propostas, ou seja, indicam uma intencionalidade na sua execução.

Considerando então essa orientação dada ao desenho, passamos a analisar as atividades nos **desenhos orientados** e pudemos agrupamos em função de sua intencionalidade em:

- a) **Expressão de sentimentos:** tem como objetivo propor que a criança expresse seus sentimentos. Na Figura 1 pode ser lido “Este espaço é para você desenhar algo que o deixa feliz”:



Fonte: (SANCHEZ, 2014c, p. 3)

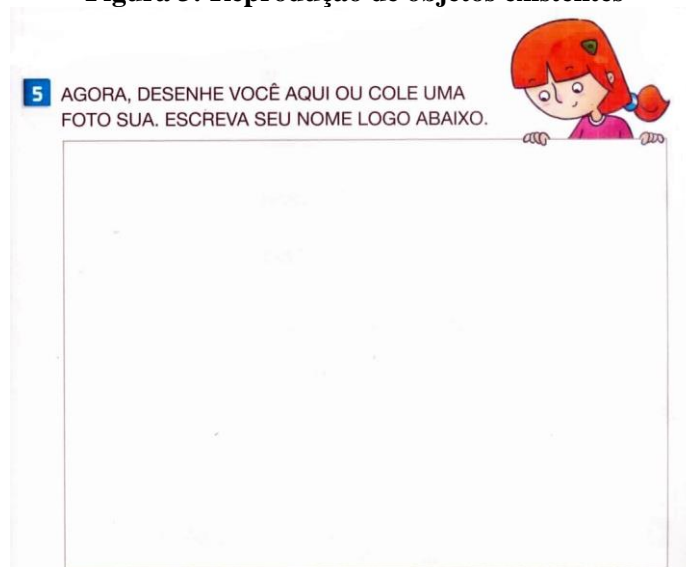
Figura 2: Atividade de Expressão



Fonte: (SANCHEZ, 2014a, p. 15)

- b) **Reprodução de objetos ou pessoas:** desenho de si próprio, dos outros ou de objetos existentes ou imaginários:

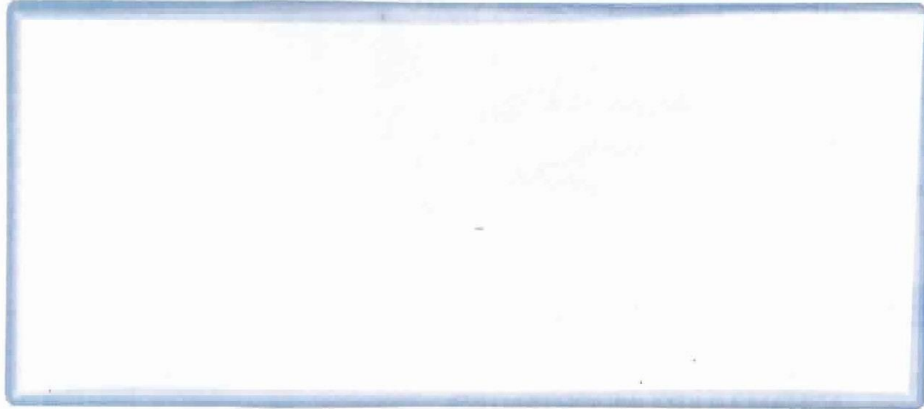
Figura 3: Reprodução de objetos existentes



Fonte: (SANCHEZ, 2014a, p. 13)

Figura 4: Reprodução de objetos imaginários

- 4** PENSE EM UM OBJETO E INVENTE UMA NOVA FUNÇÃO PARA ELE.
- FAÇA UM DESENHO E MOSTRE-O AOS COLEGAS.



Fonte: (SANCHEZ, 2014a, p. 116)

- c) **Transposição de linguagem:** atividades nas quais o desenho funciona como meio de interpretação de algo ouvido ou lido, de forma espontânea ou orientada:

Figura 5: Transposição de linguagem de forma espontânea

- 4** DESENHE O QUE ACONTECEU COM A CALÇA DE PEDRO.

O ALUNO DEVE DESENHAR A CALÇA RASGADA.



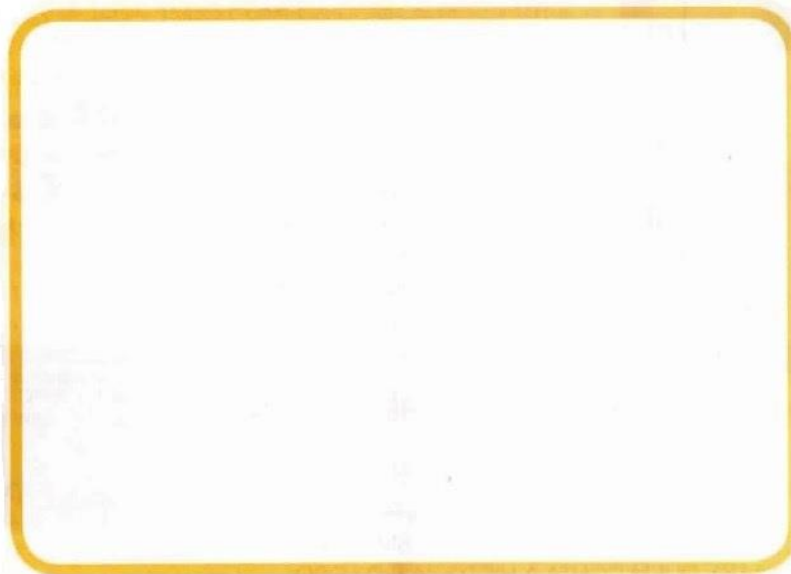
Fonte: (SANCHEZ, 2014a, p. 22)

Ou ainda:

Figura 6: Transposição de linguagem de forma orientada

2. Faça um desenho para ilustrar esse acontecimento do conto *Cinderela* como se ele fosse um conto de fadas moderno.

- ▶ Faça abaixo um esboço do desenho e, só depois, finalize em uma folha de papel sulfite.
- ▶ Pense no cenário, nas personagens, nas roupas e no meio de transporte utilizado.



Fonte: (SANCHEZ, 2014b, p. 237)

Em uma última atividade, após um texto instrucional de como criar um herói japonês, é solicitado ao aluno que crie também um herói seguindo todas as instruções recomendadas e, por último, que o mesmo finalize sua criação com tons fortes para dar ideia de sombra.

Constatamos nessa análise que o desenho como recurso didático diminui ao longo da escolaridade, possivelmente porque ele não ocupa mais o mesmo espaço na vida escolar como na Educação Infantil, ou ainda em função da preocupação com a aquisição da linguagem escrita.

Contudo, sabemos que a capacidade de criar e a capacidade de expressar por meio da representação gráfica não é uma capacidade inata ao ser humano, pelo contrário, ela é ensinada e aprendida por ele, isto é, à medida que a criança aprender a se expressar por meio de riscos e rabiscos, mais ela utilizará o que aprendeu em sua representação, como na linguagem escrita, que também não é inata ao ser humano.

Percebemos também a escassez de propostas de desenho apresentadas aos alunos ao longo do ano nos livros didáticos analisados. Se considerarmos que a capacidade de representar por meio dos desenhos não é inata, faz-se necessário potencializar a capacidade de criar. Cox (2007, p. 11) reforça que “Desenhar é uma atividade que requer arte e domínio de determinadas técnicas, os quais, como no campo da música, mesmo grandes artistas têm de

adquirir e praticar” e assim é indispensável que o professor e os outros alunos sejam mediadores nas propostas de desenho.

Cabe então reforçar a importância de se ter espaços para o desenho de maneira que seja possível auxiliar a criança tanto no desenvolvimento da coordenação motora, quanto forma de expressar sua visão de mundo e seus sentimentos, pois a criança representa o que vê e representa também suas experiências e preferências, isto é, sua relação com o mundo. Assim, ao desenhar, a criança busca continuamente estabelecer uma relação entre a sua vida e o desenho, possibilitando a integração de sua personalidade e de sua saúde.

Isto posto, percebemos a necessidade de o professor criar espaços onde o desenho possa se desenvolver, sob o risco dele desaparecer da vida da criança, como visto na análise realizada. Porém, alguns trabalhos apontam que essa atividade em geral é proposta de “[...] maneira mecânica e estereotipada, via modelos prontos ou cópias alheias ao cotidiano das crianças.” (LEME, 2007, p. 4). Em geral, essas abordagens estão pautadas numa perspectiva biologizante do grafismo, segundo a qual o desenho deve ser utilizado apenas enquanto o aluno não sabe escrever, ou ainda, para deixar uma atividade ‘mais criativa’ ou ‘mais bonita’.

Considerações Finais

Este trabalho objetivou analisar situações nas quais as atividades de desenho são propostas às crianças do primeiro ciclo do ensino fundamental. Em uma pesquisa anterior, realizada pela primeira autora deste texto, foi possível observar a importância do desenho no processo de apropriação da linguagem escrita, situação esta que permitiu observar que, além de seu papel no desenvolvimento da coordenação motora final, muito essencial para a escrita e muito comum na educação infantil, ele auxilia no processo de construção do conhecimento.

Para tanto, faz-se necessário que o professor dote sua prática pedagógica de intencionalidade e sistematicidade no uso do desenho, pois desta forma auxiliará a criança no seu processo de aquisição do conhecimento. O professor, ao fazer uso do desenho como atividade didática, deve ter clareza dos objetivos que quer alcançar, de modo que o desenho possa ser utilizado como ferramenta para auxiliar na apropriação dos conceitos. Mesmo quando utilizado para desenvolver a coordenação motora vale lembrar que, ao ingressar no ensino fundamental, pressupõe-se que o educando já possua minimamente o movimento de pinça utilizado para escrever, de modo que o desenho não deve ser utilizado como pretexto para atingir outros objetivos, mas como forma de expressão.

Na análise realizada a partir dos livros didáticos da Coleção Buriti, verificamos que o desenho não ocupa um papel de destaque como atividade didática, o que nos permite questionar se o desenho como forma de representação é abandonado pela criança na medida em que a mesma se apropria da linguagem escrita, ou é a escola que deixa de incorporá-lo como atividade didática.

A resposta a esse questionamento deve ser buscada na análise e observação da prática em sala de aula, mas considerando a importância que o livro didático tem no contexto escolar. É preciso avaliar, ainda, o pouco tempo que dispõe o professor para elaborar seu trabalho pedagógico e, até mesmo, o limitado conhecimento que este possui acerca da importância do desenho no desenvolvimento do aluno bem como da linguagem escrita. Além disso, na forma disciplinar que os conteúdos são abordados pela escola, é possível encontrarmos propostas de exercícios que envolvam o desenho nas demais atividades; contudo, resta-nos investigar se essas atividades têm como objetivo auxiliar o desenvolvimento e, mais especificamente, a linguagem.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Ampliação do ensino fundamental para nove anos: 3º relatório do programa**. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/9anosgeral.pdf>>. Disponível em: 20 nov. 2015a.

COX, Maureen. **Desenho da Criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CUSTÓDIO, Tatiana. **A relação entre a aprendizagem da linguagem escrita e as práticas de desenho realizadas na educação infantil**. 2011. 56 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

LEME, Angélica Sacconi. **O desenho na escola: uma contribuição para o desenvolvimento infantil**. Campinas: PUC, 2004.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1954.

LUQUET, Georges Henri. **O desenho infantil**. Porto: Civilização, 1969.

LURIA, Alexander Ramonovich. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKI, L.S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988, p. 143-189.

MENEZES, Marina; MORE, Carmen L. O. Ocampo; CRUZ, Roberto Moraes. O desenho como instrumento de medida de processos psicológicos em crianças hospitalizadas.

Avaliação Psicológica, Porto Alegre, v. 7, n. 2, ago. 2008. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712008000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 dez. 2015.

_____. **Ensino Fundamental de Nove Anos: Apresentação**. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/ensino-fundamental-de-nove-anos>>. Acesso em: 19 nov. 2015b.

_____. **Guia de livros didáticos: PNLD 2016: Alfabetização e Letramento e Língua Portuguesa: ensino fundamental nos anos iniciais**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2015c.

BRASIL. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **Entendendo o Pacto**.

Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>. Acesso em: 22 dez. 2015c.

SANCHEZ, Marisa Martins. **Projeto Buriti: Português 1º ano. 3ª Ed.** São Paulo: Moderna, 2014a.

_____. **Projeto Buriti: Português 2º ano. 3ª Ed.** São Paulo: Moderna, 2014b.

_____. **Projeto Buriti: Português 3º ano. 3ª Ed.** São Paulo: Moderna, 2014c.

_____. **Projeto Buriti: Português 4º ano. 3ª Ed.** São Paulo: Moderna, 2014d.

_____. **Projeto Buriti: Português 5º ano. 3ª Ed.** São Paulo: Moderna, 2014e.

SILVA, Miriam Cristina da. **O Papel do Desenho do Processo de Construção do Conhecimento e de Apropriação da Escrita**. Projeto de Iniciação Científica. Maringá: UEM, 2014.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. A pré-história da linguagem escrita. In: VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 70-79.

_____. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.